

Agora, Mitterrand está contra o calote: "Devedores, paguem".

Se o governo brasileiro e mesmo o PMDB esperavam alguma compreensão de certos países industrializados em relação a um comportamento de ruptura ou pelo menos de resistência ao Fundo Monetário Internacional e ao Clube de Paris, podem tirar o cavalo da chuva. Mesmo setores políticos mais terceiro-mundistas da Europa têm reiterado sua posição (após as reuniões de cúpula de Acapulco, dos presidentes latino-americanos, e de Abdjian, na Costa do Marfim, dos chefes de Estado e de governo da África), totalmente contrária à anulação da dívida ou decretação unilateral da moratória.

Agora, a voz de François Mitterrand, que estaria preparando uma iniciativa importante nessa área, soma-se à dos demais. Para advertir os países endividados dos perigos que incorrem os que imaginam que podem não pagar suas dívidas junto à comunidade financeira internacional. Ele não aceita, de forma alguma, a chamada "estratégia do calote". Como se sabe, certos países devedores da África, durante a reunião de cúpula de Antibes, no último fim de semana e na qual o chefe de Estado francês estava presente, não pouparam críticas ao FMI e ao Clube de Paris, inclusive os presidentes Noutou, do Zaire, e Omar Bongo, do Gabão, tidos entre os mais moderados da África.

A medida que as reuniões de cúpula do México e da Costa do Marfim resultaram em tomada de posições comuns dos países envolvidos, mesmo reconhecendo que as negociações devem ser efetuadas caso por caso, teme-se que uma evolução mais a longo prazo possa conduzir grupos de países devedores à constituição de um verdadeiro cartel.

Mitterrand era, até agora, o chefe de Estado que mantinha o discurso mais generoso em relação

aos países endividados (discurso de Cancún). Mas, excetuando-se o que a França fez pelos 16 países mais necessitados da África nos últimos anos, tudo não passou de retórica, pois nem sempre o discurso pôde ser acompanhado por uma ação correspondente. Mitterrand, agora, promove uma recentragem de seu discurso. Ele afirmou aos chefes de Estado dos países endividados da África: "Alguns pensam em recorrer a soluções unilaterais, acreditando que dessa forma podem resolver o problema da dívida. Isso não passa de ilusão, pois os países que agirem dessa forma correm o risco de isolamento no interior da comunidade financeira internacional, privando-se de uma parte do apoio financeiro de que terão necessidade posteriormente".

Hoje, estão ficando para trás as teses românticas de Cancún ou da Cidade do México, quando se sonhava até com a possibilidade de um Plano Marshal para os endividados.

Ontem, em Brasília, Michel Rocard, a segunda grande expressão atualmente entre os socialistas franceses, acompanhando esse discurso, repetiu, para quem quisesse ouvir, o seu apelo aos países endividados, para que "rejeitem a idéia de fundo separado, de cartel — ou seja qual for o nome que queiram dar — de devedores". E acrescentou:

— A idéia de uma comunidade de países endividados é tão interessante quanto seria irrealista a tentativa de solucionar o problema da dívida sem diálogo.

Rocard está convencido de que não será lançando os devedores contra os credores que se poderá buscar uma solução: "Os que pretendem adotar uma estratégia de ruptura estariam ampliando o fosso que separa o Norte do Sul".

Real JÚnior, de Paris